



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research
Vol. 12, Issue, 08, pp. 58037-58041, August, 2022
<https://doi.org/10.37118/ijdr.25041.08.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

REDE DE APOIO SOCIAL DE ESCOLARES TRANSGÊNERO

***Mirely Marluce Soares da Silva, Marclineide Nóbrega de Andrade Ramalho, Larissa Layne Soares Bezerra Silva, Josueida de Carvalho Sousa, Maria Benegelania Pinto, Mariana Boulitreau Siqueira Campos Barros, Angélica Xavier da Silva, Luana Cristina da Silva and Ednaldo Cavalcante de Araújo**

Departamento de Enfermagem, Centro Acadêmico de Vitória, Universidade Federal de Pernambuco

ARTICLE INFO

Article History:

Received 10th June, 2022
Received in revised form
16th June, 2022
Accepted 20th July, 2022
Published online 22nd August, 2022

Key Words:

Imigração. Refugiados,
ODS11. Moradia.

*Corresponding author:

Mirely Marluce Soares da Silva

ABSTRACT

Objetivo: Analisar as evidências científicas disponíveis na literatura nacional e internacional, sobre a rede de apoio social de escolares transgênero. **Método:** revisão integrativa, realizada em dezembro de 2021, nas bases de dados: Medline, Pubmed, Cinahl e a Scopus. Utilizaram-se os descritores controlados do DeCS e seus entry terms: “Transgender Persons”, “Gender Identity”, Transsexualism, “Social Support”, Students, Schools. A estratégia foi aplicada sem recorte temporal. A apresentação e síntese dos resultados seguiu as recomendações do fluxograma Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses. **Resultados:** A amostra final foi composta por sete artigos. Identificou-se a equipe escolar, colegas, pares românticos, políticas educacionais, a própria escola e os pais como sendo parte da rede de apoio social dos estudantes transgênero. **Conclusão:** As evidências científicas foram limitadas e mostram a necessidade de ampliação das redes de apoio aos estudantes transgênero para que eles possam sentir-se acolhidos no contexto escolar.

Copyright © 2022, Mirely Marluce Soares da Silva et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Mirely Marluce Soares da Silva, Marclineide Nóbrega de Andrade Ramalho, Larissa Layne Soares Bezerra Silva, Josueida et al. “Rede de apoio social de escolares transgênero”, *International Journal of Development Research*, 12, (08), 58037-58041.

INTRODUCTION

A identidade de gênero pode ser definida como a percepção do indivíduo em ser homem ou ser mulher, ou aqueles que não se classificam nessa divisão binária, sendo sua expressão de gênero caracterizada pelas representações físicas dessa identificação. O gênero está associado a construções sociais, e a questões psicológicas e culturais (Corrêa et al., 2020). Assim, as pessoas transgênero são aquelas cujo o sexo biológico e o gênero não estão alinhados, e algumas vezes também não se encaixam na categorização binária de gênero, como masculino ou feminino, o que inclui as pessoas transexuais e travesties (Santos, et al., 2019). Segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), o Brasil é considerado pelo 13º ano consecutivo como o país que mais mata pessoas trans no mundo, com cerca de cento e quarenta assassinatos documentados só no ano de 2021. Esses altos índices estão associados a violência transfóbica, o ambiente político, omissões do próprio estado, e os discursos de ódio e ideologias antitrans que passaram a ocupar as redes sociais (Benevides, 2021).

As pessoas transgênero possuem alta vulnerabilidade social e econômica e são rodeadas de conflitos familiares e sociais pelo não reconhecimento de sua identidade de gênero, evidenciado por violência, isolamento, abandono escolar, desemprego, baixa escolaridade e pobreza (Silva e Santos, 2014), com isso elas são submetidas a subempregos e prostituição, o que influencia em como esses indivíduos são vistos pela sociedade (Podestá, 2019). A literatura aponta que estudantes transgêneros não se sentem seguros em ambiente escolar e apresentam um maior risco de agressão sexual e com isso tem maiores chances de desenvolver depressão, transtorno de estresse pós-traumático, abuso de substâncias, transtornos alimentares além de violência sexual (Murchison, et al., 2019). Estudantes trans também apresentaram maiores fatores de risco para suicídio comparado a estudantes cisgêneros (Johns, et al., 2019). Nesse contexto, destaca-se a importância da rede de apoio social dos escolares transgênero para o reconhecimento de sua identidade enquanto pessoa e conquista de seus direitos sociais no âmbito escolar. A rede de apoio está associada tanto a questões estruturais como institucionais, constituindo uma teia de relações estabelecidas

pelo indivíduo ao longo da vida, que promove apoio por meio de vínculos. A rede de apoio é um processo de interação entre indivíduos ou grupos de pessoas, que por convívio estabelecem vínculos de amizade e informação, recebendo apoio material, emocional, afetivo, auxiliando no bem-estar e favorecendo os fatores positivos na prevenção e manutenção da saúde (Barbosa, *et al.*, 2016). Diante disso, é fundamental conhecer a rede de apoio social de escolares transgênero e evidenciar as experiências de como essas redes podem se estabelecer para apoiar essa população e para serem utilizadas como modelo em outras realidades escolares a saber, o contexto brasileiro. Nesse sentido, a escola constitui-se como cenário do cuidar da Enfermagem por meio do Programa de Saúde na Escola (PSE) onde o Enfermeiro deve constituir a rede de apoio social de escolares transgênero e atuar juntamente com os profissionais da escola para a promoção da saúde escolar de estudantes trans. Assim, este estudo objetivou analisar as evidências científicas disponíveis na literatura nacional e internacional, sobre a rede de apoio social de escolares transgênero.

MÉTODOS

Trata-se de estudo descritivo, tipo revisão integrativa da literatura, na qual foram seguidas as etapas: identificação do problema da pesquisa; busca na literatura; seleção de dados dos estudos primários, avaliação de estudos primários; análise dos dados, síntese e apresentação dos resultados (Whittemore, Knafelz, 2005). A pergunta norteadora foi elaborada por meio da estratégia PICO (Cardoso, *et al.*, 2019), onde “P” representa a população: Pessoas Transgênero; “I” denota o fenômeno de interesse: Apoio Social; e “Co” revela o contexto: Escola. O uso da estratégia gerou a seguinte pergunta: Quais as evidências científicas sobre as redes de apoio social de pessoas transgênero no contexto escolar?. Para este estudo foram incluídos os artigos originais que abordaram a temática em questão, nos idiomas português, inglês ou espanhol, sem recorte temporal. Foram excluídos artigos duplicados, artigos que não esclareceu em seus resultados a rede de apoio social de escolares transgênero, artigos não disponíveis na íntegra, e as publicações sem editoração científica, não indexadas e a literatura cinzenta (teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, apostilas, anais, portarias e publicações ministeriais). A realização das buscas nas bases de dados ocorreu em dezembro de 2021, por meio do Portal de Periódicos CAPES, com acesso disponibilizado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As bases de dados consultadas foram: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline), Pubmed, Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature (Cinahl) e a Scopus. Para a extração dos artigos foi definida a estratégia de busca única, adaptada de acordo com as especificidades de cada base, conforme o Quadro 1. A estratégia foi constituída por descritores controlados do Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), do Medical Subject Headings Section (MeSH) e seus entry terms, separados por lógica booleana, com operadores OR entre os sinônimos e AND para direcionar as buscas (Silva, *et al.*, 2022). A estratégia de busca foi formulada de acordo com a estratégia PICO: P AND I AND Co, onde: P = “TransgenderPersons” OR “GenderIdentity” OR Transsexualism, I = “Social Support”, Co = Students. A seleção dos artigos ocorreu por meio da exportação dos estudos das bases de dados para o Rayyan Qatar Computing Research Institute – Rayyan QCRI (Ouzzani, *et al.*, 2016). Em seguida, leu-se título e resumo de cada artigo e aplicou-se os critérios de elegibilidade para incluir ou excluir para a leitura na íntegra. Os dados extraídos para a análise qualitativa dos artigos tiveram por base instrumento elaborado e validado (Ursi e Galvão, 2006), e foram compilados em planilha do Microsoft Excel com a finalidade de apresentação dos itens: título, autor, ano e país de publicação, periódico, objetivo, nível de evidência, e principais resultados. A seleção final da amostra resultou em sete artigos originais. Foi considerado o nível de evidência classificado da seguinte forma: nível I – revisão sistemática ou metanálise; nível II – ensaio clínico randomizado; nível III – ensaio clínico não randomizado; nível IV – estudo de coorte ou estudo de caso-controle; nível V – decorrente de revisão sistemática, de estudo descritivo e qualitativo; nível VI – derivado de estudo descritivo único ou

qualitativo; nível VII – opinião de especialista (Fineout-Overholt, *et al.*, 2010).

Quadro 1. Estratégias criadas a partir dos descritores controlados. Vitória de Santo Antão, PE, Brasil, 2021

| Base de dados | Estratégia |
|---------------|---|
| Medline / | ((("TransgenderPersons"[Mesh]) OR "GenderIdentity"[Mesh]) OR "Transsexualism"[Mesh]) AND "Social Support"[Mesh]) AND "Students"[Mesh]: |
| Pubmed | ("TransgenderPersons"[Mesh]) AND "Schools"[Mesh]: |
| Cinahl | #1 Transsexualism #2 “Social Support” 3# “Students” Estratégia: #1 AND #2 AND #3 Transsexualism AND Social Support AND Students: |
| Scopus | “TransgenderPersons” OR “GenderIdentity” OR Transsexualism AND “Social Support” AND “Students” (TITLE-ABS-KEY (transgender AND persons) OR TITLE-ABS-KEY (gender AND identity) OR TITLE-ABS-KEY (transsexualism) AND TITLE-ABS-KEY (social AND support) AND TITLE-ABS-KEY (students)) |

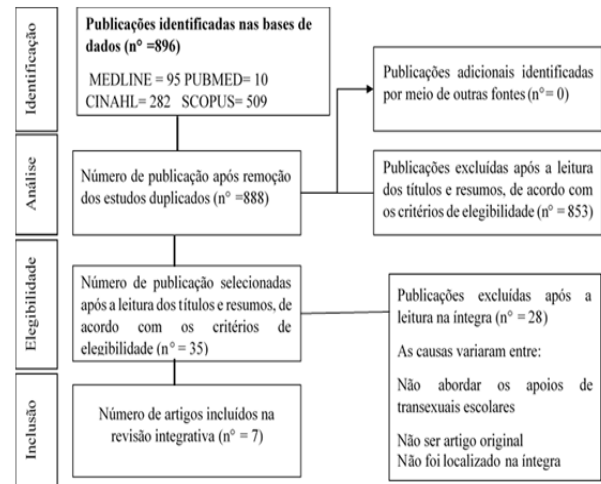


Figura 1. Fluxograma PRISMA para a seleção de artigos originais incluídos na revisão. Vitória de Santo Antão, PE, Brasil, 2022

RESULTADOS

Os sete artigos estavam escritos no idioma inglês (100%). O ano com maior número de publicação foi 2019 com 3 artigos (42,85%), seguido por 2017 com 2 artigos (28,57), e 2020 e 2021 com 1 artigo (14,28%) cada. Os níveis de evidência identificados foram divididos em estudos de métodos mistos (14,28%), qualitativo (41,85%) ou quantitativo (42,85%). A rede social de apoio dos escolares transgênero foi abordada nos sete artigos (100%). As redes mais mencionadas de apoio social foram a equipe escolar (71,42 %), colegas (57,14%), apoio dos pares românticos (42,85%) e o apoio dos pais (14,28 %). Os tipos de apoio mais referidos foram através das políticas educacionais e práticas escolares relacionadas a transexuais (42,85%), a própria escola composta por pontos de apoio específico para os alunos transgêneros (28,57%), mídias sociais (14,28 %) e Organizações governamentais e não governamentais (14,28 %).

DISCUSSÃO

As evidências científicas acerca das redes de apoio social de transgêneros em fase escolar foram limitadas. Destaca-se a importância da rede de apoio uma vez que estudantes transgêneros são mais suscetíveis a não frequentarem as escolas, comparados com

Quadro 2. Síntese dos artigos incluídos na revisão. Vitória de Santo Antão, PE, Brasil, 2021

| Autores/Ano/País | Título | Delineamento do estudo/Nível de evidência | Principais resultados |
|---|---|---|---|
| Jones T. 2017 Austrália | Evidence affirming school supports for Australian transgender and gender diverse students. | Estudo de métodos mistos V | O apoio social da equipe escolar e dos colegas fez diferença nos resultados dos alunos transgêneros. Transgêneros que se envolveram em algum tipo de ativismo relataram se sentir melhor com sua identidade de gênero, experimentaram resiliência, aliviou depressão, reduziu a automutilação e o suicídio. Grupos de redes sociais, organizações governamentais e não governamentais especializadas e a mídia auxiliam na melhoria do nível de visibilidade social para os alunos transgêneros. Além disso, diretrizes de políticas educacionais auxiliaram no combate à discriminação e garante que os alunos transgênero possam contribuir com seus planos de gestão escolar. |
| Day JK, Iverno S, Russell ST 2019 EUA | Saffe and supportive schools for LGBT Youth: Addressing educational inequities through inclusive policies and practices | Estudo quantitativo VI | As políticas inclusivas que atendem a orientação sexual e identidade de gênero (SOGI) e as práticas escolares como desenvolvimento profissional de funcionários, recursos e formação, presença de espaços seguros e liderados por alunos demonstrou promover um clima escolar mais positivos para jovens LGBT, além de reduzir o bullying, comportamento discriminatório e vitimização. Além disso, estudantes transgêneros tiveram notas mais altas em escolas que focaram em SOGI comparadas com escolas com menos políticas focadas em SOGI. |
| Gower AL, et al. 2017 EUA | School Practices to Foster LGBT – Supportive Climate: Associations with Adolescent Bullying Involvement | Estudo quantitativo VI | Os indicadores de apoio para estudantes LGBT variam, com a maior prevalência de pontos de apoio nas escolas para questões de estudantes LGBT, além de exibição de conteúdo específico onde os alunos possam ver e acompanhar, aliança gay-hétero (GSA) ou clube similar, desenvolvimento profissional sobre questões estudantis LGBT e desenvolvimento profissional em torno da inclusão ao LGBT no currículo escolar. Os alunos que estudavam em escolas com práticas de apoio tiveram chances significativamente menores de bullying relacional, perpetração de bullying físico e abuso sexual, reforçando os argumentos que escolas que realiza esforços para melhorar clima escolar e segurança beneficiam todo o corpo discente. |
| Ross-Reed DE et al. 2019 México | Family, School and Peer Support Are Associated With Rates of Violence Victimization and Self-Harm Among Gender Minority and Cisgender Youth | Estudo quantitativo VI | Mesmo com os baixos níveis de suporte, o apoio dos pais, da escola, dos colegas e da comunidade está associado a um menor risco de resultados adversos à saúde. O apoio dos familiares tem sido associado ao bem-estar emocional, com menores taxas de tentativas de suicídio, automutilação e violência sexual. O apoio escolar (toda equipe) tem sido associado ao aumento da sensação de segurança, melhoria da saúde mental, diminuição das tentativas de suicídio e vitimização por violência no namoro. O apoio dos pais, tem sido relacionado a menor utilização de abuso de substâncias (álcool e nicotina), melhora da saúde mental e aumento das chances de violência sexual. |
| Johns MM <i>et al.</i> 2021 EUA | Minority Stress, Coping, and Transgender Youth in Schools – Results from the Resilience and Transgender Youth Study | Estudo qualitativo VI | Os jovens falaram sobre esconder sua identidade de gênero dos pais, mas foram abertos com isso na escola, onde poderiam expressar seu gênero com mais conforto. Muitos jovens discutiram a necessidade de encontrar pessoas que os apoiassem de forma plena e significativa e foram citados professores, funcionários da escola, outros descreveram a importância dos pares românticos que eram pessoas que eles poderiam ser honestos e íntimos e que se sentiam conectados e seguros. Outros descreveram a importância de amigos não binários de gêneros e transgêneros. E por fim, muitos jovens, se identificaram como o próprio apoio e apoio de outros estudantes transgêneros, onde eles identificaram e divulgaram programas e políticas exclusivas e deram passos grandes e pequenos para torná-los mais inclusivos. |
| Evans I; Rawlings V 2019 Austrália | “It was Just One Less Thing that I Had to Worry about”: Positive Experiences of Schooling for Gender Diverse and Transgender Students | Estudo Qualitativo VI | Entre pessoas importantes e que forneceram apoio durante o processo escolar foram citados dois conselheiros escolares, que além de fornecer apoio também fez o encaminhamento do transgênero para o serviço de psicologia especializado em questões LGBT. Professores, que trabalharam para facilitar o processo de transição, como também contactaram e conscientizaram outros professores e alunos e pediram que usassem o pronome correto e seu nome preferido, já que não tinha sido modificado legalmente. E um bibliotecário escolar que ofertou apoio, cuidados e incentivou a criação de ambientes de aprendizagem com climas favoráveis e servindo de apoio para todos os alunos transgêneros e de gênero diverso. A junção de alunos, professores e a comunidade escolar em geral mostrou-se importante para as experiências escolares dos participantes e as iniciativas que as escolas realizam para apoiá-los. |
| Allen B. J. <i>et al.</i> 2020 EUA | At the Margins: Comparing School Experiences of Nonbinary and Binary Identified Transgender Youth | Estudo Qualitativo VI | Apesar de estar na escola com menos frequência, os estudantes transgêneros não binários foram mais propensos a identificar e utilizar a escola de apoio como um recurso pessoal. Ambientes escolares protetores tem taxas mais baixas de pensamentos, planos e tentativas de suicídio. Os transgêneros relataram um pequeno, mas com diferenças significativas, apoio de pais, acesso a apoio de adultos e sentimentos de segurança no ambiente escolar. |

estudantes Cisgêneros, conforme pesquisa realizada por White *et al.* (2018) nos cinquenta estados dos Estados Unidos, foi evidenciado que climas escolares hostis tem grande impacto nessa população, com aproximadamente 30% dos alunos trans faltando ou não frequentando a escola regularmente, mais de 40% evitando utilizar banheiros e 41% não frequentando vestiário, por conta de discriminação, assédio e abusos sofridos com base em sua identidade de gênero (Kosciw *et al.*, 2018). As políticas educacionais, como por exemplo, as políticas inclusivas que atendem a Orientação Sexual e Identidade de Gênero (SOGI) mostraram-se importante forma de apoio à jovens transgêneros em ambiente escolar ajudando na diminuição da discriminação, vitimização, redução do *bullying* e promoção de um ambiente escolar mais seguro para essa população segundo estudos de Jones (2017) e Day, Iverno, e Russell (2019). No entanto, no estudo de Troshynski e Bejinariu (2021) realizado nos Estados Unidos mostrou que pais de alunos cisgêneros são contra a implementação de políticas que favoreçam pessoas trans, como uso de banheiro e utilização do pronome correto, alegando que tais mudanças teriam um impacto negativo no bem-estar de seus filhos, como confusão, sofrimento emocional, trauma e dariam mais direitos aos alunos com diversidade de sexo/gênero do que aos alunos cisgêneros, além de ir contra os valores da família tradicional, infringindo direitos constitucionais, parentais e violando suas religiões. Tal fato constitui-se como um dos maiores desafios a ser alcançado para a inclusão e saúde escolar dos estudantes transgênero e para um ambiente escolar com a garantia dos direitos universais.

Mesmo com a existência de uma política institucional que favoreça os estudantes transgênero na garantia de seus direitos, sua implementação encontra resistência por conta da sociedade cisnormativa, que condena a incorporação do reconhecimento das identidades de gênero no ambiente escolar (Troshynski; Bejinariu, 2021). O suporte e o apoio da equipe escolar mostraram-se importantes, já que a escola caracteriza-se como rede social secundária dos estudantes transgênero. A escola forneceu apoio através de práticas inclusivas, como estímulo do ativismo, apoio aos estudantes LGBT, implantação de pontos de apoio de questões de gênero e sexualidade, exibição de conteúdo LGBT, treinamento e desenvolvimento dos profissionais da escola em torno da inclusão e reformulação do currículo escolar (Jones, 2017; Gower *et al.*, 2017; Rosse-Reed *et al.*, 2019; Johns, *et al.*, 2021; Evans e Rawlings, 2019; Allen, *et al.*, 2020). Alguns estudantes transgêneros se sentiram acolhidos e relataram que no ambiente escolar eles tinham mais liberdade para expressar seu gênero com conforto, comparados a outros ambientes (Johns, *et al.*, 2021). Estudo realizado por Kosciw, *et al.*, (2018) nos Estados Unidos evidenciou que a escola muitas vezes não oferta um ambiente estável, estimulante e seguro para os estudantes trans. Dados da Pesquisa Nacional de Clima Escolar (NSCS) revelou que aproximadamente 75% dos alunos transgêneros se sentiram inseguros na escola por causa de seu gênero. Pesquisa feita por Clark (2014) na Nova Zelândia, apontou que um em cada cinco estudantes transgêneros relataram sofrer *bullying* na escola semanalmente ou com mais frequência que os alunos cisgêneros. Professores, conselheiros, bibliotecários e outros funcionários da escola foram citados como fonte de apoio de escolares transgênero (Johns, *et al.*, 2021; Evans e Rawlings, 2019). Esses resultados contrastam com estudo de Pampati, *et al.* (2018) realizado na Flórida, Estados Unidos, que evidenciou que a maior parte dos estudantes transgênero não relataram percepções positivas de conectividade e segurança escolar em comparação a alunos Cisgêneros. A maioria dos estudantes não acreditava que a equipe escolar se importava com eles ou que os funcionários os tratavam de forma justa. Outro estudo demonstrou que cerca de 20% dos transgêneros acreditavam que tiveram punições mais rigorosas por parte de professores e funcionários da escola apenas por serem transgêneros (James, *et al.*, 2016). A falta de apoio aos estudantes transgênero por parte da rede social no contexto escolar também tem relação as normas cisnormativas onde os funcionários sentem-se inseguros e têm medo de serem advertidos e/ou punidos pela gestão ou receberem ofensas dos pais de alunos cisgênero. Daí a importância da escola ter uma política que possa direcionar e apoiar funcionários para garantir que alunos trans possam

ter autonomia de expressar sua identidade de gênero (Pampati, *et al.*, 2018).

A família, apesar de pouco citada, se mostrou fonte de apoio na rede social de estudantes transgênero. Mesmo não especificando os tipos de apoio que os mesmos ofertam, o apoio dos familiares favorece o bem-estar mental, diminuindo os riscos de tentativas de suicídio e automutilação, além da violência sexual (Ross-Reed, *et al.*, 2019). Pesquisa feita por Coolhert e Shipman (2017) nos EUA, evidenciou que pode ser muito difícil para os pais imaginar todos os desafios que seus filhos poderão passar, podendo ser incompreendidos, discriminados e alvo de violência. Essas crenças e medos acerca dos transgêneros muitas vezes distanciam e atrapalham os pais para serem capazes de apoiar a identidade de gênero de seus filhos. A pesquisa também aponta que o apoio dos pais é um fator de proteção indispensável para os impactos nocivos do estresse nas crianças transgêneros. O apoio dos pais, amigos binários e de outros amigos transgêneros foram essenciais na melhor adaptação e manutenção dos alunos trans na escola (Jones, 2017; Rosse-Reed *et al.*, 2019; Johns, *et al.*, 2021; Allen, *et al.*, 2020). Uma pesquisa realizada por Jones *et al.* (2016) na Austrália aponta, que o apoio dos amigos de classe é um fator de proteção para estudantes transgêneros. O apoio desses colegas está associado a menos chances de experimentar várias formas de assédio e discriminação na escola. Os transgêneros sem colegas na escola são mais propensos a mudar de escola, faltar aula, se esconder na hora do almoço ou nos intervalos, além de ter mais probabilidade de terem rumores espalhados na escola sobre eles e experimentarem a exclusão social. Destaca-se que nos estudos encontrados não houve relatos dos profissionais de saúde enquanto rede de apoio. Sabe-se que no contexto escolar brasileiro, o Programa Saúde na Escola (PSE) que foi criado em 2007 com o objetivo de contribuir com a formação de estudantes de escolas da rede pública de ensino por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde, e assim é necessário que os profissionais de saúde também estejam engajados na promoção de um ambiente escolar saudável para os estudantes transgênero (Brasil, 2018). Os enfermeiros no ambiente escolar, podem atuar gerenciando estratégias de prevenção, conscientização e fortalecimento do papel do professor, além de facilitar as relações entre saúde e educação, com o propósito de ampliar as abordagens interdisciplinares de prevenção na escola, intervenções educativas baseadas no diálogo, adoção de instrumento de monitoramento, além de estímulo nas políticas administrativas para diminuição de agressões e promoção de comportamentos saudáveis (Neto, *et al.*, 2020).

CONCLUSÃO

As evidências científicas sobre as redes de apoio social dos estudantes transgênero foram limitadas. É nítido que os transgêneros enfrentam grandes desafios no ambiente escolar e que muitas vezes não possuem o suporte e o apoio necessário para seu processo de formação. Essa falta de apoio na escola pode ocasionar lacunas/sequelas na vida dos estudantes transgênero e tornar seu processo educacional mais difícil, podendo influenciar nas faltas e abandono escolar. O conhecimento acerca do apoio dos transgêneros no ambiente escolar pode auxiliar na construção e implementação de políticas públicas nas escolas, além da reformulação dos currículos escolares para o fortalecimento e formação de novas redes de apoio a essa população. Enfatiza-se a necessidade de mais pesquisas na área com o objetivo de melhorar a formação de profissionais tanto da saúde como da educação, contribuir na construção de políticas públicas e no desenvolvimento de um olhar sensível à causa das pessoas transgênero.

REFERÊNCIAS

- Allen BJ *et al.* At the Margins: Comparing School Experiences of Nonbinary and Binary Identified Transgender Youth. *Journal of School Health*. 2020. DOI: 10.1111/josh.12882.
- Benevides BG. Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021, Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2022. (acesso em 03 de abril 2022). Disponível em: dossieantra2022-web.pdf (wordpress.com).

- BRASIL. Ministério da Educação. Programasaúdenas Escola (PSE). 2018. {acessoem 04 de abril, 2022}.Disponivelem: ProgramaSaúdenasEscolas- Ministério da Educação(mec.gov.br).
- Cardoso V, Trevisan I, Cicolella DA, Waterkemper R. Systematic review of mixed methods: method of research for the incorporation of evidence in nursing. *TextoContextoEnferm*. 2019, 28:2017-0279. doi:10.1590/1980-265x-tce-2017-0279.
- Clark TC. A saúde e o bem-estar de estudantestransgêneros do ensinomédio: resultados da pesquisa de saúde do adolescente da Nova Zelândia (Youth'12). *Journal of Adolescent Health*. 2014, 55: 93-99.
- Corrêa FHM, Rodrigues BB, Mendonça JC, Cruz LR. Pensamentosuicida entre a população transgênero: um estudoepidemiológico, *J Bras Psiquiatr*,2020;69(1):13-22. doi: 10.1590/0047-2085000000256.
- Coolhart D, Shipman DL. Trabalhandodireção à famíliaSintoniaTerapia Familiar com Transgêneros e GêneroCrianças e AdolescentesInconformados. *Psiquiatra*. 2017, 40:113125. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.psc.2016.10.002>.
- Day JK, Ioverno S, Russell ST. Safe and supportive schools for LGBT youth: Addressing educational inequities through inclusive policies and practices. *Journal of School Psychology*. 2019, 74(2019): 29-43. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jsp.2019.05.007>.
- Evans I, Rawlings V. "It was Just One Less Thing that I Had to Worry about": Positive Experiences of Schooling for Gender Diverse and Transgender Students. *Journal of Homosexuality*, 2019. Doi: 10.1080/00918369.2019.1698918.
- Fineout-Overholt E, Melnyk BM, *et al*. Evidence-Based Practice Step by Step: Critical Appraisal of the Evidence: Part I. *American Journal of Nursing*. 2010; 110(7):47-52. doi: 10.1097/01.NAJ.0000383935.22721.9c.
- Gower AL *et al*. School Practices to Foster LGBT-Supportive Climate: Associations with Adolescent Bullying Involvement. *Society for Prevention Research*. 2017, doi 10.1007/s11121-017-0847-4.
- Johns MM *et al*. Minority Stress, Coping, and Transgender Youth in Schools—Results from the Resilience and Transgender Youth Study. *Journal of School Health*. 2021.
- Johns MM, *et al*. IdentidadeTransgênero e Experiências de ViolênciaVitimização, SubstânciaUso, risco de suicídio e comportamentossexuais de risco entre estudantes do ensinomédio — 19 Estados e Grandes DistritosEscolares Urbanos, 2017. Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA/Centros de Controle e Prevenção de Doenças. 2019, 68(3):67-71.
- Barbosa TA, *et al*. Support network and social support for children with special health care need. *Rev Rene*.2016,17(1):60-6. DOI: <https://doi.org/10.15253/2175-6783.2016000100009>.
- Jones T *et al* Experiênciasescolares de estudantestransgêneros e com diversidade de gênero na Austrália, *Sex Education*, 2016 16 (2):156-171. doi: 10.1080/14681811.2015.1080678.
- Jones T. Evidence affirming school supports for Australian transgender and gender diverse students. *Journal compilation*, 2017. (acessoem 07 de abril, 2022) Disponivelem: | DEPUBLICAÇÃO CSIRO Saúde Sexual.
- Kosciw JG *et al*. A Pesquisa Nacional de Clima Escolar de 2017: as experiências de jovenslésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queer nas escolas de nossa nação. Nova York: Rede de Educação para Gays, Lésbicas e Héteros. 2018.
- Murchison GR, *et al*. School Restroom and Locker Room Restrictions and Sexual Assault Risk Among Transgender Youth. *Pediatrics*. 2019, 143(6):2018-2902. doi: <https://doi.org/10.1542/peds.2018-2902>.
- Neto WB *et al*. Formação de adolescentes protagonistas para a prevenção do *bullying* no contexto escolar. *Rev. Bras. Enferm*. 2020, 73. Doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0418>.
- Pampati S *et al*. Clima escolar entre ostransgêneros do ensinomédio Alunos da Escola: Uma Exploração da Escola Bullying e Absenteísmo Conectividade, Segurança Percebida, *The Journal of School Nursing*. 2018, 1-11. doi: 10.1177/1059840518818259.
- James SE *et al*. O Relatório da Pesquisa de Transgêneros dos EUA de 2015. Washington, DC: Centro Nacional para a Igualdade de Transgêneros. 2016, Disponivelem: <http://hdl.handle.net/20.500.11990/1299> <https://transequality.org/sites/default/files/docs/usts/USTS-Full-Report-Dec17.pdf>
- Ross-Reed DE *et al*. Family, School, and Peer Support Are Associated With Rates of Violence Victimization and Self-Harm Among Gender Minority and Cisgender Youth. *Journal of Adolescent Health*. 2019, 1-8. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2019.07.013>.
- Santos MA, *et al*. Transexualidade, ordem médica e política de saúde: controle normativo do processo transexualizador no Brasil. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*. 2019;10(1):3-19. doi: 10.5433/2236-6407.2019v10n1p03.
- Silva BB, Santos EC. Apoio e suporte social na identidade social de travestis, transexuais e transgêneras. *SPAGESP*,2014; 5(2):27-44.
- Podesta LL. Ensaio sobre o conceito de transfobia. *Periódicus*, 2019;1(11):363-380.
- Silva ICB, *et al*. A violência de gênero perpetrada contra mulheres trans. *Rev Bras Enferm*. 2022;75(2): 20210173.
- Ouzzani M, Hammady H, Fedorowicz Z, Elmagarmid A. Rayyan – a web and mobile app for systematic reviews. *Syst Rev*. 2016;5:210. doi: 10.1186/s13643-016-0384-4.
- Troshynski EI, Bejinariu A. Exploring the Rhetoric: How State Gender Diversity Laws Address Rights for Gender-Diverse Students. *Criminologia Crítica*. 2021, 29:111–130. Doi: <https://doi.org/10.1007/s10612-021-09563-3>.
- Ursi ES, Galvão CM. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2006,14(1):124-31. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692006000100017>
- Whittemore R, Knafl K. The integrative review: updated methodology. *J Adv Nurs*. 2005, 52(5):546-53. doi:10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x.
- White AE *et al*. LGBTQ Adolescents' Positive and Negative Emotions and Experiences in U.S. High Schools. *Sex Roles*. 2018. Doi: <https://doi.org/10.1007/s11199-017-0885-1>.
